

CONJUNTURA

Serviços puxam o PIB no 1º trimestre

Avanço de 1%, terceiro resultado positivo seguido, foi comemorado pelo governo, mas, diante da inflação elevada e da alta das taxas de juros, analistas colocam em dúvida a continuidade desse desempenho no resto do ano

» DEBORA HANA CARDOSO
» FERNANDA STRICKLAND
» TAINÁ ANDRADE

Puxado pelo setor de serviços, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1% no primeiro trimestre deste ano, na comparação com o último trimestre do ano passado, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse é o terceiro resultado positivo, depois do recuo de 0,2% no segundo trimestre de 2021.

O PIB, que é a soma dos bens e serviços produzidos no país, chegou a R\$ 2,249 trilhões em valores correntes. Com esse resultado, ficou 1,6% acima do patamar do quarto trimestre de 2019, período pré-pandemia, e 1,7% abaixo do ponto mais alto da atividade econômica, registrado no primeiro trimestre de 2014. O patamar atual está próximo do verificado no primeiro trimestre de 2015.

Com o relaxamento das medidas de restrição sanitária e a maior circulação de pessoas, o setor de serviços turbinou a economia pelo lado da oferta. O segmento, que responde pela maior parte da atividade econômica do país, avançou 1% ante o quarto trimestre de 2021, enquanto a indústria, por exemplo, cresceu apenas 0,1%. Já a agropecuária, que sempre funcionou como motor do PIB, caiu 0,9%,

Setores

Consumo e serviços puxam o PIB do 1º trimestre



Fonte: IBGE

devido à quebra da safra de soja pela seca que atingiu a região Sul.

Do lado da demanda, o consumo das famílias avançou 0,7%, sendo o principal responsável pela alta do PIB. Chamou a atenção, por outro lado, a queda de 3,5% dos investimentos, um indicador de quanto a economia pode se expandir no futuro.

O Ministério da Economia considerou que o crescimento de 1% do PIB foi "robusto" e mostrou que a economia brasileira está resiliente. A equipe econômica prevê que esse

desempenho deve continuar ao longo do ano, na contramão de avaliações de analistas de mercado — que veem desaceleração da atividade a partir do segundo semestre. O governo aposta em alta de 1,5% do PIB em 2022.

Ranking

A agência classificadora de risco Austin Rating publicou ontem que o resultado do PIB do primeiro trimestre fez o Brasil ficar na 9ª posição no ranking internacional de desempenho

econômico entre 32 países, à frente de Reino Unido (0,8%), Coreia do Sul (0,8%) e Suíça (0,5%).

Ao **Correio**, Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, observou, no entanto, que o resultado do período veio abaixo das expectativas do mercado, que eram de 1,5% — mais pessimista, a Austin projetava 0,6%.

"Esse PIB não está contaminado com o processo de elevação das taxas de juros globais. Teve pouca contaminação do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, que começou no final de fevereiro. Também não

foi contaminado com as expectativas de reduções do crescimento dos Estados Unidos e da China, cujo debate começou no início do abril", avaliou Agostini.

De acordo com o economista da Austin Rating, o governo federal deve comemorar por pouco tempo o resultado. "É algo momentâneo e dificilmente o país conseguirá sustentar esse crescimento no segundo semestre. Até pode ter algum desempenho positivo no segundo trimestre, mas, na segunda metade do ano, teremos maior incidência dos impactos negativos da alta dos juros", explicou.

A economista Natalie Verndl, da Universidade de São Paulo (USP), destacou que a expectativa do mercado estava atrelada à retomada do setor de serviços, mesmo considerando a variante ômicron da covid-19. "O agronegócio, que não estava muito bom, puxou um pouco para baixo, mas estava dentro da conta", explicou. "Estamos dentro da tempestade perfeita, no cenário das altas inflacionárias e de juros, garantindo pouco crescimento com eventos como copa, carnaval e eleição", disse. "Há ainda a questão da guerra da Ucrânia, que dificulta o abastecimento em escala global", acrescentou.

O resultado do PIB repercutiu no Senado. Na oposição, o senador Jean Paul Prates (PT-RJ) avaliou que o que pesou no resultado

foi a alta inflacionária. "A economia está parada com a inflação. O PIB não consegue deslanchar, até porque estamos em uma situação crítica com os combustíveis e nesse processo todo de tarifa de energia", afirmou.

Já na visão do senador Otto Alencar (PSD-BA) o crescimento de 1% é consequência da retomada de muitos setores, como o turismo interno e o próprio agronegócio, mas ainda assim, a expectativa era um resultado melhor. "Por outro lado, com inflação e juros altos, a perspectiva de continuidade do crescimento não é muito boa", disse.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Economia **Página:** 7